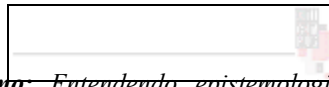


Por uma Cultura Epistemológica da Comunicação

Lucrécia D'Alessio Ferrara



Resumo: Entendendo epistemologia como conjunto de normas gerais para construir paradigmas operativos de uma determinada área de conhecimento (Kuhn, 1975) e suficientes como instrumentos de controle das esferas do sujeito e do objeto considerados polos essenciais, mas tensionados do conhecimento, o objetivo desse trabalho é estudar as tendências da produção científica em comunicação que, marcantes, definem, de um lado, uma cultura da área sempre voltada para absoluta necessidade de definição dos seus paradigmas epistemológicos e, de outro lado, assinalam uma ambiguidade do objeto que inviabiliza a definição daqueles paradigmas.

Portanto, estuda-se a Comunicação enquanto área de investigação que, teórica e empiricamente, se caracteriza pela natureza epistemológica da sua cultura.

Sem qualquer pretensão de promover uma revisão histórica da comunicação, foi possível identificar, no percurso já historicamente estabelecido, etapas que apresentam distintas características epistemológicas e nelas estabelecem momentos culturais datados e responsáveis por definições do objeto de estudo da comunicação e da sua decorrente postura científica. Nessas etapas distinguem-se cinco momentos que demarcam tópicos de desenvolvimento do trabalho.

1. Comunicação como epistemologia

Que é comunicação? Para que serve a comunicação? Qual é o campo da comunicação?

Essas são as perguntas que rondam a história de uma ciência e reaparecem ou são retomadas constantemente. Enquanto área de investigação ou de produção de conhecimento, a comunicação não foge a essa regra, pois aquelas clássicas questões

reparecem na sua História e se recuperam na sua Teoria.

Nesse trabalho queremos estudar o modo como aquelas perguntas se relacionam, os elementos que caracterizam cada uma, os paradigmas que as sustentam e nos permitem encontrar as raízes de uma cultura epistemológica da comunicação, ou seja, perceber como a exigência ou preocupação de um rigor e, sobretudo, de um suporte epistemológico constituem a própria Cultura, a História e a Teoria da Comunicação.

Entre essas três questões há um divisor que nos pode orientar e saber por onde começar.

As duas perguntas iniciais supõem certo enredamento, ou seja, se a primeira se apóia em uma inexorável necessidade de identidade da área que seja capaz de estabelecer seus limites, legitimidade e propriedades científicas, a segunda recobre a primeira, reduzindo a identidade à funcionalidade. Porém, nos dois casos, opera-se através de um claro limite epistemológico que precisa ser detalhado.

Se a produção do conhecimento assinala a indispensável relação do homem com o mundo enquanto objeto que desafia a atenção e a argúcia, pode-se perceber, nessa relação, uma tendência, mais ou menos ritmada, de privilegiar, ora o sujeito do conhecimento, ora o objeto, porém sempre como faces autônomas quando não divergentes. As duas posições são igualmente redutoras pois transformam a contingente e relativa produção de conhecimento em instância de totalização do mundo e transformam a ciência em explicação que submete o objeto às instâncias do sujeito e aos seus pressupostos e preconceitos explicativos. Quando a ciência se apóia no sujeito como polo epistemológico temos o iluminismo de claras dimensões metafísicas e transcendentais, quando se apóia no objeto, temos o empirismo de não menos claras dimensões nominalistas. Nos dois casos, pergunta-se o que é conhecer ou como se conhece sem preocupações de distinguir o objeto do conhecimento e, sobretudo, a relação que se estabelece entre o sujeito e o objeto. Estamos ante uma realidade que simplifica o conhecimento porque entende a complexa relação sujeito-objeto como uma unidade redutora. O conhecimento surge como estrutura monolítica e não nos permite perceber que a ciência se limita a produções contingentes e falíveis, mas capazes de construir a História e criar paradigmas para uma cultura do conhecimento.

No caso da comunicação, aquela relação sujeito-objeto é entendida como matriz do conhecimento da própria sociedade, ou seja, constrói-se a comunicação na medida em que nela se identifica a básica matriz da sociedade como relação comunicativa com suas conseqüentes possibilidades de ordenação, planejamento, codificação e disciplina. Nesse âmbito, comunicação é uma ciência social.

2. Comunicação como cultura epistemológica da identidade

Em 1964, Umberto Eco se insere no âmbito dessa questão, porém não apreende com clareza sua raiz epistemológica e deixa-se seduzir pela dinâmica histórica e factual que nos leva a identificar na dinâmica social da comunicação, duas posturas. De um lado, a comunicação surge como pré-ordenação social e a sociedade apresenta-se como conjunto integrado e harmônico, de outro lado, a comunicação é uma ameaça social que precisa ser exorcizada. Entre Apocalípticos e Integrados, a comunicação é, de modo ambíguo e simultâneo, arma e ameaça social.

Desenvolver uma análise da comunicação enquanto cultura epistemológica supõe, não apenas, definir e identificar suas etapas, mas exige, sobretudo, interpretar a história da cultura superando a situação factual a fim de atingir o sentido dos fatos. Exige-se distinguir entre os fatos da história e a cultura da história como relação epistemológica da dinâmica interpretativa que superpõe o sujeito e o objeto do conhecimento, ao mesmo tempo em que os relativiza mutuamente. Desse modo, define-se epistemologia, não só como conjunto de paradigmas que estabilizam o conhecimento e a lógica da sua produção, mas sobretudo como diretrizes que orientam e, ao mesmo tempo, são superadas pela ação cognitiva.

Como área de conhecimento, a comunicação se caracteriza por privilegiar a relação social entre indivíduos ou entre instituições e indivíduos, mais ou menos organizados em um sistema que prevê um código de direitos e deveres, capaz de superar tensões ou diferenças entre os polos em relação. Essa codificação supõe a tentativa de dar àquela relação uma qualidade capaz de conferir condições de excelência à sociedade apoiada em uma comunicação como guardiã ou sustentáculo imprescindível. Do ponto de vista

epistemológico, a comunicação seria responsável pela criação de paradigmas capazes de equilibrar o social e inibir desvios; desse modo, o paradigma fundamental é o próprio código que as relações sociais estabelecem e ele passa a constituir a própria identidade científica da área. Assim, se a relação insere a comunicação no âmbito das ciências sociais, ao lado da antropologia e da própria sociologia, a dimensão de código e ação de plano de qualidade confere-lhe o caráter aplicado que a transforma em ciência social aplicada.

Porém, se essa dimensão distingue a comunicação da sociologia e da antropologia, ao mesmo tempo, faz com que assumam um caráter utilitário mais pragmático do que conceitual e nos ~~permite perceber uma cultura~~ que confunde a identidade da área com a sua função.

Essa é a dinâmica epistemológica que domina a cultura comunicativa que deu origem à famosa Escola de Chicago. Transpondo o pragmatismo filosófico de Willian James para o âmbito social, considerou-se a vida de um grupo ou de uma coletividade sempre incompleta e sujeita a um desenvolvimento constante, em um progressivo compasso para atingir a finalidade superior e pré-determinada socialmente. Essa demarcação de metas sociais a serem atingidas de modo inexorável é responsável pelo caráter determinista e, sobretudo, positivista dessa tendência cultural em comunicação.

3. Comunicação como cultura epistemológica da manipulação social

A epistemologia da comunicação como controle social privilegiava uma interação face a face entre sujeitos que se relacionavam em coletividades de tamanho controlado pelas próprias instituições sociais que planejavam e operavam as estruturas de controle. A emergência das possibilidades tecnológicas da produção e reprodução da imagem dá à restrita relação comunicativa face à face, uma extensão de massa anônima. Rapidamente, a tecnologia da reprodução se converte em manipulação da relação comunicativa e responsável por uma identidade da comunicação como fator apocalíptico e perverso do social. Uma comunicação como perversão e, mais do que nunca, uma contracomunicação que subverte valores, normas e comportamentos. Ou seja, se a cultura da comunicação

como controle social dá à área uma utilidade prática, a cultura da comunicação como perversão insere-a na mesma dinâmica utilitária, porém com sinal trocado que transforma a integração em perversão social. Nos dois casos e mais uma vez, estamos ante uma cultura epistemológica que confunde a identidade da área com a sua funcionalidade.

Porém, a emergência tecnológica da imagem altera também o objeto do conhecimento na medida em que substitue a relação comunicativa pelo canal da comunicação e a assunção da imagem corresponde ao isolamento do indivíduo banido da esfera pública pelo adensamento urbano ou condenado à inércia nos domínios privados do ócio ante a televisão. ~~Substitui-se a relação social pela sedução da imagem, a multidação pela massa, o flaneur pelo voyeur, o ser visto como categoria social pelo ver que dá origem ao anonimato e desobriga a relação de qualquer compromisso social ou ação ética.~~ Porém, se a exponibilidade social dá origem à visualidade da imagem, nos dois casos temos dimensões evolutivas de uma cultura da comunicação como espetáculo e de uma epistemologia que alicerça paradigmas da visualidade. Se enquanto relação social, a visualidade comunicativa é a do código de ação e comportamento codificados na sua excelência, a emergência da imagem como canal daquela relação substitue o código pela mídia que faz com que a identidade epistemológica da comunicação se transforme em modos de estar na mídia. Identifica-se a comunicação como estudo dos modos de consumir e ser consumido comunicativamente.

Portanto, a emergência da imagem como canal ou veículo comunicativo reedita a mesma epistemologia funcionalista que estabelece a identidade pela relação linear entre causas e consequências e produção científica do campo comunicacional é mero reflexo da descrição daquela prática. Plenitude de uma cultura epistemológica monolítica e macânica que entende a comunicação como ciência de explicação do objeto, seja ele restrito à relação social ou ao fascínio e à persuasão da imagem como veículo ou obstáculo para aquela relação.

4. A cultura da comunicação como epistemologia da ausência comunicativa

Dentro daquela linearidade de causas e efeitos sucumbe-se a uma intoxicação comunicativa que atinge seu ápice com a cotidianização dos meios de comunicação de massa e, sobretudo, com a naturalização da comunicação que se torna habitual ou opaca nas suas determinações semióticas e ausente como matriz epistemológica para o conhecimento: a relação comunicativa enquanto objeto científico se naturaliza e se indiferencia dentro de uma inexorável inconsistência epistemológica. Nesse contexto, a transformação da relação comunicativa como crítica social surge rápida e urgente e a própria dinâmica social se transforma em objeto epistemológico. Em consequência, a comunicação se aproxima dos seus anexos científicos, a sociologia e a antropologia entendidas como ciências de crítica social. Mais do que nunca, o objeto científico da comunicação se expande e ultrapassa, a relação social para atingir sua qualidade interativa.

Nesta crítica, a epistemologia da comunicação assume dimensões teóricas que surgem no âmbito das ciências sociais e passa a tecer suas argumentações em dois polos distintos do fazer científico. Exploram-se matrizes teóricas confrontando-as para descobrir meandros argumentativos capazes de explicar as nuances mais ou menos ideológicas, mais ou menos perversas que matizam as relações comunicativas. Dedutivamente, as teorias surgem como sistemas ordenados, coerentes e suficientes, embora se enredem para aplicar-se socialmente e explicar, com argumentos ideológicos, a natureza das relações sociais e sua possível redenção através da ação não menos coletiva e comunicativa. Mais do que nunca, surge uma cultura da comunicação como prática de subjetivação através da alteridade, espécie de imersão narcísica no outro como possibilidade de descoberta do próprio sujeito.

A Teoria do Agir Comunicativo de Jurgen Habermas constitui marco essencial desse momento epistemológico. Da filosofia da Escola de Frankfurt, a teoria de Habermas atinge a sociologia e é aclamada na Teoria da Comunicação. “Ao *agir estratégico*, isto é à razão e à ação numa perspectiva estritamente utilitária e instrumental....., Habermas contrapõe outros modos de ação e de relações com o mundo a seus próprios critérios de validade: a ação objetiva e cognitiva que se impõe dizer a verdade, a ação intersubjetiva que visa à

correção moral da ação, a ação expressiva que supõe a sinceridade. Ele identifica a crise da democracia como devida ao fato de os dispositivos sociais, que deveriam facilitar as trocas e o desenvolvimento da racionalidade comunicativa, ganharem autonomia, de serem administrados como “abstrações reais”, fazendo realmente circular a informação, mas entretendo as relações comunicativas, isto é, as atividades de interpretação dos indivíduos e grupos sociais. Para ele, a racionalidade não diz respeito “à posse de um saber, mas à maneira pela qual os sujeitos dotados de fala e ação adquirem e empregam um saber” (Mattelart 2002:143)

Alem disso ~~esbarra-se com uma~~ microciência da comunicação onde o estudo de caso é tomado como fim em si mesmo ou, mais frequentemente, estabelece o paradigma empírico e as raízes causais que se completam e se alicerçam com os argumentos explicativos do apoio teórico.

Nos dois casos, temos uma cultura epistemológica da comunicação que, para ser crítica, se transforma em apêndice da sociologia, da antropologia ou de outras ciências sociais a fim de nelas encontrar sua arqueologia científica e o reconhecimento de outra matriz do objeto agora redesenhado pela riqueza argumentativa da fala entre indivíduos que, organizados, transformam o espaço público em central de comunicação e expressão interativa.

O objeto científico da comunicação concentra-se no estudo temático de inserções comunicativas, porém sem mediatizar as mediações presentes. Ora, essa epistemologia como cultura de inserções temáticas é responsável por uma limitação científica que circunscreve a comunicação aos limites de estudo dos temas classicamente celebrados pela academia ou pela própria mídia e considerados adequados ou pertinentes à área. A sedução desses temas de estudo convalidados pela repetição restringe-se, não raro, à citação dos fatos tidos como exemplares e está distante da interpretação que consolida uma epistemologia dinâmica e consequente cientificamente.

5. A cultura de uma epistemologia midiática da comunicação

As duas últimas décadas século XX celebraram as tecnologias da informação e sua consequente cultura de uma comunicação tanto mais midiática quanto mais tecnológica e mundializada.

Essa comunicação midiática ilumina as características dos veículos tecnológicos que a sustentam dando-lhes dimensões cognitivas que originalmente não teriam, mas, ao mesmo tempo, substitue os estudos das relações comunicativas com suas consequentes inserções temáticas pelo estudo dos nexos comunicativos. Nessa altura, supõe-se a interação decorrente dos confrontos repertoriais entre emissor e receptor como nas relações sociais porém, ~~agora, através de veículos que~~, interagindo com aquelas relações, tonificam ou alteram os próprios repertórios informativos em relação comunicativa. Processam-se interfaces que precisam ser entendidas na dinâmica dos processos cognitivos que alteram o sujeito e o objeto do conhecimento. Assim, se de um lado, a incessante e rápida evolução tecnológica torna o objeto científico da comunicação ainda mais instável de modo que toda tentativa de defini-lo redunde em provisória parcialidade, por outro lado, a relação entre emissor e receptor como agentes internos e constitutivos dos nexos midiáticos, faz com que o sujeito do processo cognitivo se distancie das suas exclusivas e peculiares determinações sócio-históricas e passa a ser entendido como indivíduo em relação e como esfera coletiva conectada tecnologicamente embora, mais do que nunca, globalizada e mundializada comunicativamente.

Com as tecnologias da comunicação alteram-se valores, hábitos, modos de vida e socialidades e estamos ante o que Muniz Sodré chama de meio biosmidiático: “ Configura-se, portanto, uma nova dimensão psicossocial para o homem que, tendo a consciência moldada pelas grandes narrativas da Grécia Clássica, vive agora a transformação da *politeia* em *techné*. Aos modos particulares de vida identificados por Aristóteles na *Ética a Nicômaco* – vida contemplativa (*bios theoretikos*), vida prazerosa (*bios apolaustikos*) e vida política (*bios politikos*) – pode-se agora acrescentar, como antes afirmamos, uma nova qualificação, uma quarta esfera: a vida midiaticizada, que inclui a realidade tecnológica do virtual.” (Sodré 2002:160,161) Irene Machado(2002:227) complementa o conceito anterior com sua expansão em um sistema infossemiótico que acrescenta às alterações cotidianas

provocadas pelas novas tecnologias da informação, a emergência de um processo dialógico que converte o antigo receptor passivo em agente de novas informações agitando o universo da cultura, das linguagens e dos códigos que, em relação, se ampliam e se diversificam. Na realidade, esta nova epistemologia promove, não uma explicação das relações comunicativas, mas uma compreensão mais realista do complexo mecanismo cultural da comunicação entre emissores e receptores através de códigos e nexos semióticos.

Porém, se o biosmiótico promove a autonomia da comunicação como área científica ao distancia-la ~~das ciências histórico-socio-críticas~~, de outro lado, introduz duas outras características que alteram o objeto científico e apresentam profundas decorrências epistemológicas. De um lado, temos o próprio nexo midiático, de outro, a rede mundial de informações.

O nexo midiático expande o sujeito e dificulta discernir sua singularidade, em consequência, torna difuso o confronto com o outro que, como vimos, transformava a comunicação em eficiente prática de subjetivação. Além disso, a expansão midiática complementa-se em rede mundial que substitui a antiga prática de subjetivação em ação complementar entre sujeitos em conexão. Substitui-se a interação como efeito da relação comunicativa pela interatividade como signo da ação em rede informativa. No ápice desse momento, problematiza-se a própria raiz histórica e etimológica da comunicação como por-em-comum. Com efeito, nessa interatividade, nada é comunicado de antemão, mas tudo está disponível para um agente que se coloca em atividade. “ O conceito de indivíduo *teleinteragente ciberespacial* pressupõe um traço participativo-interventor cuja plenitude jamais foi verificada, por exemplo, num receptor de comunicação de massa. Nesse sentido, dizer “receptor” parece realmente pouco. Este conceito equivale a um ente que, desempenhando função de recepção e de decodificação, relaciona-se com o objeto de uma maneira que exclui qualquer experiência compatível com a interatividade proporcionada pela tecnologia informática. À diferença do simples ato de ligar a TV ou rádio e sintonizar a emissora para receber seus conteúdos, o usuário do *cyberspace*, após acessar o endereço eletrônico desejado, precisa absorver-se num *processo contínuo de intervenção na*

virtualidade da inforrede e na hipertextualidade dos cyberspatial products para reativar em e extrair de ambas aquilo que elas podem oferecer a um ente que, desempenhando função de recepção e decodificação, relaciona-se com o objeto de uma maneira que exclui qualquer experiência compatível com interatividade proporcionada pela tecnologia informática. Ele está, portanto, sujeito a uma espécie de “lei da busca compulsória” Os conteúdos dos infoprodutos (equivalentes à mensagem, na epistemologia comunicacional) não vêm até ele; é ele que, sedentário-nômade, através do veículo, a todo momento, vai.” (Trivinho.2001:125.)

Portanto, ~~da nova dimensão humana~~ dos nexos midiáticos decorrem atritos entre os meios que se produzem em interfaces expandindo as possibilidades de mediação e de comunicação, agora transformada em hiperinteratividade da informação. Mais do que nunca e em uma dimensão que a epistemologia funcionalista jamais ousara antever, distinguem-se comunicação e informação como processos em produção e jamais produzidos de antemão, ou seja, não se comunicam valores ou socialidades, mas apresentam-se alternativas de informação que, em semiose, interferem nos comportamentos, nos modos de vida, no cotidiano e, sobretudo, justificam ações. Agora, o nexo midiático supõe comunicar por estar prenhe de informação. Prevalecem, em escala ascendente, o signo, a mídia e a rede.

Nessa semiose, exige-se uma parada epistemológica sobre a natureza representativa dos signos a fim de estranhar, desnaturalizar, instabilizar a comunicação e re-descobrir sua arqueologia, porém não mais na sua natureza temática, mas na mobilidade que exige ser arguida e problematizada no movimento de nexos comunicativos complexos e sem pré-seleções. Desnaturalizar a comunicação supõe considerá-la nos seus meandros semióticos em duplo sentido de análise, de um lado, a semiose tomada nas articulações sintáticas dos signos e, de outro lado, a análise do próprio processo de semiose onde se registra o amplo movimento de diálogo cultural. Anteexplicativa, essa atenção semiótica promove a observação como estratégia metodológica indispensável à imprevisibilidade daquele processo. Essa estratégia leva o sujeito a aderir, com curiosidade, às surpresas do objeto, porém, essa observação interessada nada tem a ver com a passividade descritiva do estudo

de caso, ao contrário, procura-se não explicar ou julgar, mas compreender as conexões entre cadeias sógnicas e os processos de semiose que recuperam e alteram a cultura a fim de ser possível entrar no território sinuoso da interpretação.

Ante a complexidade midiática, a ciência da comunicação perde seus antigos referenciais epistemológicos e já não é possível falar em centralidade teórica ou paradigmas porque urge criar uma epistemologia como performance crítica de uma meta-mídia da multi-comunicação em rede. Estamos em outro momento cultural que supera toda simplificação e é possível falar em pós-epistemologia. (Sodré, 2002:221) Esta noção tem sido curiosamente estudada e leva Boaventura de Souza Santos (2001:103 e 107) a falar em conhecimento pós-moderno e em ruptura epistemológica do conhecimento-emancipação que leva o sujeito a “rompe(r) com o senso comum conservador, mistificado e mistificador, não para criar uma forma autônoma e isolada do conhecimento superior, mas para transformar a si mesmo num senso comum novo e emancipatório”

Esse novo paradigma retoma duas questões notáveis, de um lado, a diferença e a descontinuidade como epistemologia de pós-interpretação que se insurge definitivamente contra a teoria explicativa e a metafísica do sujeito (Vattimo, 1999:32), de outro lado, a “centralidade enquanto grande paradigma orientador da mudança social e guia das análises das ciências do homem e da sociedade que está em crise. E, como tal, assinala a recessão dos modos imperiais de comando e controle.” (Mattelart, 1994:290)

Nesse estágio, supera-se toda produção científica que proponha exclusões ou maniqueísmos entre relações ou entre nexos comunicativos, entre modelos ou teorias explicativas, porque toda diretriz de natureza epistemocêntrica padece de aguda simplificação reflexiva ou de uma distorção da atual realidade comunicativa. Ou seja, tentando vê-la como um conjunto indiferenciado, não percebe que sob toda a totalidade existem tensões que repudiam qualquer harmonia que surge como falsa aparência. Agora, o objeto científico da comunicação é visto como conjunto fraturado por forças de nexos midiáticos contraditórios. A idéia de *pensamento complexo* pode ser retomada por uma epistemologia da comunicação como complexidade que considera o objeto científico como heterogeneidade. “Se o conhecimento existe é por ser organizacionalmente complexo.

Trata-se de uma organização complexa ao mesmo tempo fechada e aberta, dependente e autônoma, capaz de construir traduções a partir de uma realidade sem linguagem. Essa complexidade organizacional comporta as maiores aptidões cognitivas e os riscos ininterruptos e múltiplos de degradação dessas aptidões, ou seja, as possibilidades extraordinárias e as fragilidades inacreditáveis do conhecimento humano.” (Morin 1999:281)

Ante essa complexidade como característica atual de uma cultura da comunicação não é possível pensar em uma epistemologia como bloco monolítico ou explicativo, mas é urgente enfrentar a heterogeneidade de fragmentos de sentidos que ocorrem entre relações e nexos comunicativos em rede; insinua-se, portanto, um conhecimento fragmentado, porque ultrapassado na rapidez informativa. Ante essa fragilidade não podemos falar em epistemologia que consagre paradigmas e confira confiabilidade a produtos cognitivos, ao contrário, valem mais os processos que, inventivos, produzem uma nova epistemologia a cada aventura que desafia o conhecimento já estabelecido. Para enfrentar essa aventura, é necessário descobrir e experimentar abducativamente hipóteses de interpretação (Peirce V:195) dos nexos instáveis que conectam indivíduos e coletividades em redes midiáticas.

6. Referências

- Eco, Umberto – Apocalittici e Integrati - Milão, Bompiani, 1964**
- Habermas, Jurgen – Théorie de l’Agir Communicationnel – Paris, Fayard, 1987**
- Kuhn, Thomas – A Estrutura das Revoluções Científicas – São Paulo, Perspectiva, 1975**
- Machado, Irene – “Semiótica como teoria da comunicação” em Tensões e Objetos da pesquisa em comunicação – Porto Alegre, Sulina/Compós, 2002**
- Mattelart, Armand – Comunicação-Mundo História das Idéias e das Estratégias – Petrópolis, Vozes, 1996**
- Mattelart, Armand e Michèle – História das Teorias da Comunicação – São Paulo, Loyola 5. ed, 2002**
- Morin, Edgard – O Método 3. O Conhecimento do Conhecimento – Porto Alegre, Sulina, 1999**
- Peirce, Charles Sanders – Collected Papers – Cambridge, Massachusetts, Harvard University Press, 1958 (8 vols)**
- Santos, Boaventura de Souza – A Crítica da Razão Indolente Contra o Desperdício da Experiência – São Paulo, Cortez, 2001**

Sodré, Muniz – Antropológica do Espelho – Rio de Janeiro, Vozes, 2002

Trivinho, Eugênio – O Mal-Estar da Teoria – Rio de Janeiro, Quartet, 2001

Vattimo, Gianni – Para Além da Interpretação – Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1999.



